



## **MAS AFINAL, O QUE ERA MESMO O COMUNISMO? A SIGNIFICAÇÃO DA PALAVRA “COMUNISMO” ATRAVÉS DOS TEXTOS ANTICOMUNISTAS QUE CIRCULARAM NO PIAUÍ DA DÉCADA DE 1960**

**Marylu Alves de Oliveira\*\***  
**Universidade Federal do Piauí – UFPI**  
[marylu.oliveira@gmail.com](mailto:marylu.oliveira@gmail.com)

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é analisar as principais significações dadas a palavra “comunismo” ao longo da década de 1960 através dos textos anticomunistas que foram produzidos e circularam no estado do Piauí. Permanências/rupturas é a melhor definição para essa significação, uma vez que algumas características atribuídas ao comunismo permanecerem durante toda a década de 1960, contudo, percebe-se que, também, outros elementos foram se modificando na sua significação determinada pelos contextos e acontecimentos sociais daquele momento na política brasileira e piauiense.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunismo – Anticomunismo – Década de 1960.

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to analyze the main meanings given the word “communism” throughout the 1960’s decade through anti-communism texts that were produced and circulated in the state of Piauí. Permanence/ruptures is the best definition for that meaning, since some characteristics attributed to communism remain throughout the 1960’s decade, however, realizes that it, too, other factors were changing in its significance determined by social contexts and events that moment in brazilian politics and piauiense.

**KEYWORDS:** Communism – Anti-communism – The 1960’s decade

O fim da URSS e do campo socialista deixou um tipo particular de viúva: os que viviam da “guerra fria”. Na Argentina, no momento da morte de Perón, um antiperonista radical – do Partido Radical – escreveu, desconsolado: “Nesse caixão vai metade da minha vida. Eu que cresci e vivi como antiperonista, o que vai ser de mim, de

---

\* Este artigo faz parte da dissertação: OLIVEIRA, Marylu Alves de. **A Cruzada antivermelha: democracia, Deus e Terra contra a força comunista**. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Piauí, Teresina, 2008.

\*\* Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e professora substituta na mesma instituição.

onde vou tirar o sentido da minha vida?” No desespero, sentia-se traído por Perón, que o abandonava à sua própria sorte. Um comunista me dizia outro dia que se deliciava em ler a sobrevivente literatura anticomunista, porque dá a impressão que o mundo está à beira do comunismo, que os dias do capitalismo estão contados. Essa fauna encontra vários exemplares por aí, viúvas da “guerra fria”, que tratam de viver do anticomunismo: colonistas de uma (ainda) bem vendida revista semanal, [...]; um articulista de duvidosa existência (há quem diga que é pseudônimo de um esquerdista, que criou esse grotesco personagem para desmoralizar a direita), um editor cultural promovido por um assassino – todos personagens jurássicos, deslocados, que têm que criar o fantasma do comunismo para aparecerem como valorosos “salvadores do capitalismo”, cobrando polpudos salários por esse papel que se auto-atribuem.

**Emir Sader<sup>1</sup>**



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)

Emir Sader, no texto acima, refletiu sobre um aspecto que, nos dias atuais, segundo o próprio autor, apresenta-se “deslocado” no tempo, que é a utilização dos discursos anticomunistas. Emir Sader ironizou essa prática apontando para algo deslocado no tempo, como, se por falta de criatividade ou mesmo de capacidade de percepção da realidade atual do mundo, vários segmentos jornalísticos utilizassem um discurso que não possui nenhum significado: o medo da ameaça comunista. Essa percepção do autor apontou para um aspecto interessante na construção de qualquer trabalho acadêmico: a mudança do sentido das palavras, noções, representações e práticas, com o passar do tempo. A ironia de Emir Sader apontou justamente para essa falta de sentido dos escritos anticomunistas nos últimos anos. Este autor refletiu sobre a palavra comunismo, a partir do contexto mundial dos dias atuais, talvez, por essa razão, apresentou-nos um comunismo que se constrói através de discursos anticomunistas ou, até mesmo, por comunistas incrédulos, uma vez que seu amigo comunista “se deliciava

---

<sup>1</sup> SADER, Emir. A indústria do anticomunismo. **Correio do Brasil** Disponível em: <<<http://www.correiodobrasil.com.br/noticia.asp?c=83875>>>. Acesso em 20 de fev. de 2006.

em ler a sobrevivente literatura anticomunista, porque dá a impressão que o mundo está à beira do comunismo, que os dias do capitalismo estão contados”.

A partir do contato com as fontes hemerográficas da década de 1960, percebemos um grande número de reportagens relacionadas ao comunismo. Chamou-nos atenção a forma insistentemente negativa e pejorativa com que o comunismo era abordado e, sobretudo, como alguns cronistas, jornalistas e editores acreditavam na possibilidade iminente daquele sistema ser implantado no Brasil, e, conseqüentemente, no Estado do Piauí. Contudo quando analisamos a construção das representações anticomunistas no Piauí na década de 1960, observamos a evidência dessa relação entre o sentido dado as palavras e a sua ligação com o tempo em que elas foram proferidas, ou seja, percebemos a historicidade da palavra comunismo.

Com passar dos anos, as noções de determinadas palavras vão se modificando.<sup>2</sup> Permeadas por aspectos que resistem, mas também por fissuras de significação, as palavras vão estabelecendo formas de significar o mundo, ao tempo em que se modifica o seu sentido, modifica-se também as formas dos indivíduos se relacionarem. A palavra comunismo e a sua significação, na década de 1960, foi um desses termos que estabeleceu uma forma dos indivíduos se relacionarem em sociedade.

Roger Chartier, ao refletir sobre as representações nos textos impressos e as apropriações dos franceses desses escritos, no Antigo Regime, lembra-nos a importância do sentido móvel das palavras. Ao tentar compreender como os homens e mulheres do século XVI e XVIII entendiam a noção de civilidade, o autor admite que procurou “entrar no coração de uma sociedade antiga, que muitas vezes nos é opaca”. Dessa forma, o trabalho acadêmico que pretende compreender como uma sociedade pensa sobre determinado fenômeno, como é o caso do comunismo, deve levar em

---

<sup>2</sup> Reinhart Koselleck avaliou a própria mudança de sentido dado à história a partir do século XVIII em meio as mudanças sociais naquele momento: “Exemplo paradigmático dessa dupla direção da relação entre linguagem e mundo se encontra no conceito de história. Se até meados do século XVIII o termo história [Historie] era usado no plural para designar as diversas narrativas particulares e descoladas entre si que a tradição historiográfica acumulara (a história da guerra do Peloponeso, a história de Florença, etc), Koselleck sustenta que, a partir daquela época, é cada vez mais freqüente o uso do termo História [Geschichte] no singular para designar, de modo confluyente, tanto a seqüência unificada dos eventos que constituem a marcha da humanidade, como o seu relato (a História da civilização ou dos progressos do espírito humano)”. (JASMIN, Marcelo. Apresentação. In: KOSELLEK, Reinhart. **Futuro passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto Editora PUC, 2006, p. 11.)

consideração algumas dificuldades para a construção dessa pesquisa, pois como aponta Roger Chartier:

Por um lado, mesmo privilegiando os textos que manifestam os usos mais comuns (dicionários, jornais, memórias, manuais, tratados etc.), o *corpus* constituído dos empregos da noção não poderá jamais ser fechado nem necessário. Por outro, e de maneira mais grave, toda noção é tomada dentro de um campo semântico ao mesmo tempo extenso, móvel e variável.<sup>3</sup>

Essa mobilidade de sentido dada a determinadas palavras, através do tempo, pôde nos fazer compreender que o sentido que hoje atribuímos ao comunismo, como fez Emir Sader na crônica inicial, é muito distinto do sentido dado a essa palavra na década de 1960. O comunismo hoje já não provoca o mesmo medo, pânico e até práticas tão expressivas na grande maioria das pessoas, porque, em certo sentido, apesar de continuar significando uma possibilidade de regime econômico-social, a conjuntura política atual no mundo reflete os fracassos das sociedades que implementaram um “socialismo real”.<sup>4</sup> No entanto, isso não significa dizer que o sentido foi completamente rompido, o próprio Emir Sader aponta para o medo gerado pelo comunismo como algo que perdura até os dias atuais, pelo menos nos textos de alguns jornalistas anticomunistas.

Jorge Ferreira também nos indica como o sentido de determinados termos pode ser variável nos mais diferentes segmentos sociais. O autor refletiu sobre a noção de “conciliador”, na década de 1960, segundo este: “conciliação, aliás, era o termo mais ofensivo entre as esquerdas naquele momento”.<sup>5</sup> Jorge Ferreira apontou para a mudança de sentido das palavras determinada pelos grupos sociais que as utilizavam. Segundo este autor, a palavra *conciliação* era entendida pelas esquerdas brasileiras, durante a década de 1960, como uma espécie de vacilação política. É interessante ressaltar que outras palavras também tinham a sua significação alterada dependendo dos grupos que a utilizassem, como exemplo podemos citar o comunismo que não tinha o mesmo

<sup>3</sup> CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p. 46.

<sup>4</sup> Expressão utilizada por Eric Hobsbawm para definir os países que tentaram implantar regimes comunistas no século XX. (HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914 –1991)**. Tradução de Marcos Sbartarrita. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 365.)

<sup>5</sup> FERREIRA, Jorge. A frente de mobilização popular: a esquerda brizolista e a crise política de 1964. **Clio: Revista de Pesquisa Histórica**, Recife: Editora Universitária da UFPE, n. 22, 2006, p. 108.

significado para a direita e para a esquerda, e ainda teve seu sentido alterado por esses segmentos durante a própria década de 1960.

É preciso compreender o que está sendo definido como comunismo na década de 1960. A noção de comunismo, nos dias atuais, não pode ser confundida com a maneira como que essa palavra era compreendida naquele momento da história brasileira e mundial. É nesse sentido, que entendemos ser necessário uma reflexão sobre a noção de comunismo, naquele momento, uma vez que, essas noções não são algo dado naturalmente, mas o que foi sendo definido como comunismo, deve ser entendido a partir da historicização das representações feitas à época, encontradas nas mais variadas fontes.

Diante do que foi exposto, o objetivo do presente artigo é fazer uma análise sobre as percepções anticomunistas do sentido da palavra “comunismo”, tendo como base os discursos que circularam no Estado do Piauí na década de 1960. Entendemos que, para se opor a esse regime socioeconômico, os formuladores das representações anticomunistas tinham, em certo sentido, uma necessidade de dar a sua conceituação. Para compor este capítulo partimos do pressuposto de que toda palavra tem seu caráter semântico móvel e variável, e que até mesmo durante a própria década de 1960 a significação do comunismo foi sendo modificado, permeado de continuidades e rupturas. No entanto, os anticomunistas, ao definirem o comunismo, tentavam construir um sentido invariável e universal, levando o leitor a uma idéia de coerência. Sendo indispensável, segundo nosso ponto de vista, compreender como essa palavra possuiu um conjunto complexo de conceitos de valores e sentidos ao longo da década de 1960.

\* \* \*

Mas afinal, o que era mesmo o comunismo? Quando fazemos essa pergunta, estamos limitando o número de interlocutores que deverão respondê-la, pois, na produção deste texto, a questão é direcionada aos anticomunistas. Poucos, porém, foram os anticomunistas que leram Karl Marx. Segundo a memória de um comunista piauiense, nem mesmo os comunistas tinham leituras aprofundadas da obra marxiana, na década de 1960:

Veja só, tem muito comunista como eu, naquele tempo, que diz: é comunista, é comunista; eu fui ler comunista na prisão com 17 anos e meio, que eu fui preso de menor, tá? Eu virei comunista antes de conhecer, de abrir uma linha sobre Marx, eu estou sendo sincero com

você, não só fui eu não, os outros dizem: eu comecei a ler Marx com treze anos; ninguém lê Marx aos treze anos, rapaz, é muito difícil, você sabe disso. Então, a gente era subversivo. Nós éramos contra o regime militar e contra os americanos, contra a opressão da camarilha americana, os gorilas, [...]. E as pessoas, os reacionários, os adversários, a chamada direita é que nos cognominava de comunista, então a gente achou que era melhor deixar pra lá, do que ir explicar que não era comunista.<sup>6</sup>

Como Marcos Igreja apontou no trecho citado, as suas ações, por mais que fossem atos de pura subversão, eram denominados de atos comunistas. Nesse sentido, podemos perceber que foram várias as definições atribuídas ao comunismo. Permanências e rupturas seria a melhor maneira de entender a constituição dessas definições. Percebemos que, para (re)significar o comunismo, os anticomunistas apontavam para elementos fixos, pois estes seriam marcas dessas representações, estabelecendo um ponto de apoio para que o leitor das representações anticomunistas percebesse a coerência na construção do sentido atribuído ao comunismo ao longo da década de 1960. No entanto, outros aspectos foram se modificando com o passar dos anos e diante das conjunturas políticas e sociais.

Para entendermos como o comunismo foi significado como algo maléfico – nesse sentido uma permanência negativa foi preservada durante toda a década de 1960 –, é necessário perceber como os discursos anticomunistas estavam permeados pelo medo do “outro”. Eram freqüentes as transcrições nos jornais piauienses de relatos de viajantes que tinham visitado países comunistas e, ao retornar, narravam as suas experiências. Geralmente, era o discurso dos países capitalistas sobre o comunismo. Acreditamos que essas reportagens eram muito bem aceitas, pela freqüência com eram publicadas, mas também, porque tinham uma relação com a construção de uma realidade por quem havia visto ou vivido de perto aquele outro regime econômico, político e social. Essas narrativas pairavam como um relato fantástico sobre um outro mundo. Descreviam-se as roupas, a comida, o cotidiano, a educação, e tudo que pudesse parecer como diferente do modo de vida dos países capitalistas. No entanto, as descrições apontavam para as desvantagens do regime comunista, como sugere o trecho:

A prova disso [a prova de um regime econômico cheio de restrições, nos dizeres do cronista] é encontrada por quem viaja pela Rússia, mesmo sob vivência dos “guias” soviéticos. Os visitantes notam que o

---

<sup>6</sup> IGREJA, Marcos de Paiva. Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento e a Marylu Alves de Oliveira em 2005. Não publicado.

povo usavam roupas grosseiras, sapatos mal feitos, não se encontrando uma só mulher que se vista bem, pois os trajes são estandardizados, fabricados em massa, nas oficinas do Estado.<sup>7</sup>

As reportagens, de uma forma geral, enfatizavam que os viajantes que foram à países comunistas, apesar de serem conduzidos naquela realidade pelos próprios nativos, sempre percebiam algo além do que aqueles indivíduos tentavam mostrar, como apontou o trecho anterior. Os viajantes, em quase todos os relatos, colocavam-se como missionários que deveriam narrar aos outros países o que viram, e o que foram obrigados a ver. Em 1963, o senador piauiense Sigefredo Pachêco foi conhecer a União Soviética, ao chegar ao aeroporto de Teresina foi recebido de imediato por uma equipe de jornalistas que esperavam ouvir os relatos da viagem. Apesar de ser muito interessante a narrativa do senador, o que mais nos chamou a atenção nessa entrevista, foi a sua finalização. O repórter argumenta que o senador teria muito mais a dizer sobre a sua viagem, contudo, além do barulho dos aviões, havia interrupções constantes de “alguns, querendo, inclusive ‘ver de perto como volta à sua terra um cidadão que recentemente visitou a União Soviética, berço do comunismo ateu’. Ainda, segundo o repórter, o senador tinha voltado “pesando mais 2 quilos e bem disposto”.<sup>8</sup> Os relatos sobre a distante e exótica União Soviética eram, para alguns, um verdadeiro encontro com outro mundo.

Esse olhar do estrangeiro é apresentado como algo que deve ser levado em consideração, e que deve ser lido com seriedade, já que o narrador teve a possibilidade de experimentar as duas realidades, tanto a capitalista, quanto a comunista. Nesse sentido, para entender a significação do comunismo, é interessante ressaltar que boa parte do que foi dito sobre comunismo, com a intenção de dar um sentido a essa palavra, foi pronunciado a partir do olhar do estrangeiro, do forasteiro, do “outro”, como ocorreu com os relatos dos viajantes.

Dentre os aspectos que permaneceram na (re)significação do comunismo durante a década de 1960, podemos perceber a necessidade dos anticomunistas em manifestar que as suas críticas ao comunismo tinham como base os valores centrais formulados por Karl Marx. A maior parte dos anticomunistas piauienses acreditavam

---

<sup>7</sup> CALDO entornado. **O Dominical**, Teresina, n. 24/60, p. 04, 12 jun. de 1960.

<sup>8</sup> SIGEFREDO PACHÊCO fala sobre a União Soviética. **O Dia**, Teresina, n. 1.143, p. 01, 21 nov. 1963.

que as suas críticas eram direcionadas àqueles valores puros da obra marxiana, como aponta o trecho a seguir: “É que o comunismo é um credo materialista, – já afirmava o catecismo legado por Marx e Engels”.<sup>9</sup> As críticas ao comunismo apontam para a obra marxiana como parte fundamental na interpretação dos valores contrários a uma sociedade cristã e livre. Nesse sentido, a obra daquele autor promovia a sustentação dos pilares das acusações desenvolvidas pelos anticomunistas, como sugere o trecho a seguir:

Podemos definir o comunismo como uma “seita internacional que segue a doutrina de Karl Marx e trabalha para destruir a sociedade humana baseada na lei de Deus e do Evangelho, bem como para instaurar o reino de Satanás neste mundo, implantando um Estado ímpio e revolucionário, e organizando a vida dos homens de sorte que esqueçam de Deus e da eternidade.”<sup>10</sup>

Por traçar metas de acordo com as possibilidades políticas, e tendo a objetividade como marca significativa na elaboração dos programas destinados a cada país, segundo a visão dos anticomunistas, o comunismo também foi visto, nesse momento, como oportunista:



Mas o comunismo é assim – uma ideologia de dialética materialista, oportunista e consagrada numa máquina política destinada a explorar o proletariado mundial, servindo-se dele para propagar-se, vencer e submeter os povos aos postulados do materialismo histórico.<sup>11</sup>

A idéia de oportunismo relacionada ao comunismo, como uma tática para se ampliar pelo mundo, é corriqueira, ou seja, o comunismo traçava planos de ação para cada país, de acordo com a situação política, com o objetivo oportunista de conquistar cada nação e, conseqüentemente, o mundo: “A moral marxista é oportunista, acompanha e varia as conformidades com os interesses e as rodadas da ideologia materialista, cuja proposta é universalizar-se, é reformar ou revirar a civilização humana”.<sup>12</sup>

O comunismo, na significação anticomunista, tinha como um dos seus princípios a universalização da doutrina marxista, sendo necessário para alcançar seus

<sup>9</sup> MENDES, Símplicio de Sousa. Ópio do povo. **Folha da Manhã**, Teresina, n. 960, p. 04, 26 abr. 1961.

<sup>10</sup> ANTUNES, J. C. O dogmatismo dos marxistas. **Jornal do Comércio**, Teresina, n. 3.050, p. 02, 23 jan. 1963.

<sup>11</sup> MENDES, Símplicio de Sousa. As ditaduras marxistas. **Folha da Manhã**, Teresina, n. 665, p. 04, 12 mar. 1960.

<sup>12</sup> Ibid.

objetivos traçar táticas de propagação eficientes, e, para isso, a melhor tática utilizada, segundo os anticomunistas, era a violência: “[...] o único recurso é a violência, que os partidários de Moscou espalharam também pelas nossas cidades”.<sup>13</sup> O comunismo era entendido como um sistema baseado na violência do homem contra o homem: “É um regime de fuzilamentos, de violência, onde o direito é o direito da força, é o direito [...] no qual desaparece toda a base ética”.<sup>14</sup> Era a violência a grande arma comunista, pois “enquanto o cristianismo se universalizou através da simples pregação da verdade, sendo alvo dela e não praticando a violência, o comunismo, até hoje, não dominou nenhuma Nação ou atingiu o poder pelos meios legais, mas sempre através da traição e do derramamento de sangue”.<sup>15</sup>

Como um regime implantado por imposição aos povos, determinado pela violência, o comunismo não poderia ser significado de outra forma, durante a década de 1960, se não como um regime ditatorial, sendo o caso de Cuba exposto como emblemático: “Em recanto da América, numa ilha do Mar das Caraíbas, terra de vivo amor à liberdade, foi instalada pela Rússia um Consulado de Moscou [...]. São constantes as agressões da Ditadura vermelha de Havana contra a ordem e a paz do hemisfério”.<sup>16</sup> Significado como ditadura, o comunismo, para se manter, além da violência, dependia também da mentira e da ilusão: “Para dominar, ele se alicerça na desfaçatez, no embuste, na mentira”.<sup>17</sup>

Outro aspecto que permeia toda a significação do comunismo, para os anticomunistas, é a sua negação a valores tradicionais, dentre esses, a família seria a mais prejudicada, pois “o objetivo da República Comunista, tal qual a de Fidel Castro em Cuba, é, primeiramente, destruir por completo a família cristã”.<sup>18</sup>

O comunismo, durante toda a década de 1960, também foi significado como seita, credo, regime “ateu”, nesse sentido, existe uma reportagem bastante emblemática, intitulada “Kruschev e Deus”, onde o cronista questiona a veracidade de uma frase dita

---

<sup>13</sup> A RÚSSIA quer defender-se do vírus da liberdade. **O Dia**, Teresina, n. 2.430, p.03, 29 maio 1968.

<sup>14</sup> MENDES, Simplicio de Sousa. Quem cultiva colhe. **Folha da Manhã**, Teresina, n. 1.209, p.06, 21 mar. 1962.

<sup>15</sup> COMUNISMO se opõe literalmente ao cristianismo: doutrina e métodos. **O Dia**, Teresina, n. 1.144, p.03, 25 nov. 1963.

<sup>16</sup> AFRONTA a civilização. **O Dominical**, Teresina, n. 40/61, p.03, 08 maio 1961.

<sup>17</sup> A FRAQUEZA do comunismo. **O Dominical**, Teresina, n. 19/61, p.01, 14 maio 1961.

<sup>18</sup> MENDES, Simplicio de Sousa. Família Cristã. **Folha da Manhã**, n. 1.226, p. 04, 11 abr. 1962.

pelo Primeiro Ministro da União Soviética: “‘Deus está de nosso lado’. – blasonou Krutschev durante sua famosa visita aos Estados Unidos. Mas se Deus não existe, como afirma Kruteshev, como pode Ele estar do lado dos comunistas?”.<sup>19</sup> Esse trecho é interessante para demarcar bem a significação do que era o comunismo: regime ateu. Não cabendo aos representantes do comunismo utilizarem Deus nem mesmo como um discurso ostentatório.

Não obstante propagasse o ateísmo comunista, alguns anticomunistas entendiam o comunismo como uma “seita”, que tinha como principal profeta, Marx, e como primeiro discípulo e propagador, Lênin.<sup>20</sup> Essa tentativa de significar o comunismo como uma espécie de religião, deve-se muito ao fato de alguns anticomunistas acreditarem que o ateísmo comunista tomaria o lugar das religiões tradicionais, sendo pregado, inclusive, nas escolas. Os anticomunistas tentavam demonstrar que nada “se colhe na seita comunista”, sem quem tenha sido adubado com o sangue das vítimas das execuções.<sup>21</sup>

Com relação aos aspectos que se modificaram na (re)significação do comunismo, para os anticomunistas, podemos iniciar pela definição atribuída a esse regime em consequência das eleições presidenciais do ano de 1960. Dois candidatos tiveram grande apoio no Estado do Piauí: Jânio Quadros, que foi o vencedor das eleições, e o Marechal Henrique Teixeira Lott. O segundo candidato denominava-se nacionalista e contou com o apoio do Partido Comunista do Brasil (PCB). Muito criticado e acusado de ser um traidor da Pátria, por estar recebendo o apoio dos comunistas, o Marechal Lott tentou explicar, durante toda a campanha presidencial, que lutava por ideais nacionalistas e não comunistas. No Piauí, a campanha presidencial se deu de uma forma inusitada, as propagandas foram elaboradas de uma forma mais intensa contra a candidatura do nacionalista Marechal Lott, do que a favor do preferido, Jânio Quadros. Nesse sentido, no ano de 1960, a definição do que vinha a ser comunista estava muito relacionado aos ideais nacionalistas, como aponta o trecho abaixo:

São os comunistas – e os pseudonacionalistas intoxicados de ideologias totalitárias – desvirtuadores das instituições livres

---

<sup>19</sup> KRUTSCHEV e Deus. **O Dominical**, Teresina, n. 14/61, p. 01, 02 abr. 1961.

<sup>20</sup> MENDES, Simplício de Sousa. Terror comunista. **O Dia**, Teresina, n. 1214, p. 03, 11 abr. 1964.

<sup>21</sup> Ibid.

sabotadores dos regimes, encobertos por várias formas e por vários modos de ação e de traidores da República.<sup>22</sup>

Comunismo e nacionalismo, naquele momento, apontam para uma proximidade, que gerou até um termo recorrente nos jornais locais: nacionalismo vermelho.<sup>23</sup> Essa perspectiva é, muitas vezes, apontada como tática soviética – já que este país era a maior referência comunista, pois acreditava-se que “o nacionalismo é um velho chavão da URSS, dele se aproveitando para fazer pressão política nas nações pequenas e subdesenvolvidas, cumprindo assim sua ideologia de escravizar o mundo”.<sup>24</sup>

Na política nacional, naquele momento, havia certa confusão entre a cor comunista e as cores nacionais, principalmente por causa do apoio do famoso ex-integralista,<sup>25</sup> Plínio Salgado, à candidatura do Marechal Lott. A política de apoios, tanto dos vermelhos como de alguns ex-camisas verdes, foi registrada nas páginas dos jornais locais como uma mistura de cores que podiam corresponder à confusa postura adotada pelo então candidato nacionalista, Marechal Lott:

Designando-se as correntes político-sociais pelas cores, teremos o vermelho na extrema esquerda, o comunismo, o verde na extrema direita, o integralismo, e o branco, expressando a paz e a ordem social livre, com a democracia e política social da Igreja Católica.

Mas o Marechal Lott, candidato à Presidência da República infelizmente é daltônico: – não distingue as cores, baralhando todas nos seus cartazes de pleiteante à alta magistratura do País.

Confunde o vermelho, o verde e o branco nas suas perspectivas de homem público.

Para a preponderância militar do ilustre candidato – tanto o vermelho, como o verde e o branco, podem ser a mesma coloração política, em torno de sua centralizadora de católico – democrata e de totalitário – materialista comunista ou neo-fascista ao mesmo tempo.<sup>26</sup>

No Piauí, a associação entre nacionalismo e comunismo não foi diferente das análises dos anticomunistas sobre a conjuntura nacional. Aqui a situação era considerada muito mais grave, segundo a visão dos anticomunistas piauienses, uma vez que, no plano nacional, eles ainda estavam a pleitear cargos, enquanto no Piauí esses

<sup>22</sup> MENDES, Simplicio de Sousa. Pseudonacionalismo. **Folha da Manhã**, Teresina, n. 663, p. 04, 10 mar. 1960.

<sup>23</sup> NACIONALISMO vermelho. **Folha da Manhã**, Teresina, n. 664, p.02, 11 mar. 1960.

<sup>24</sup> WALTER, José. Marxistas latentes. **O Dia**, n. 809, p. 01, 22 set. 1960.

<sup>25</sup> Cf. TRINDADE, Hélio. **Integralismo** – O fascismo brasileiro na década de 30. São Paulo: Difel, 1974.

<sup>26</sup> MENDES, Simplicio de Sousa. Marechal e as cores. **Folha Manhã**, Teresina, n. 816, p. 04, 02 out. 1960.

“nacionalistas” já se encontravam na própria sede do governo do Estado: “Teresina conta com um número crescido de comunistas, até o momento rotulados de ‘nacionalistas’ e ‘trabalhistas’, sendo que 99,5% são funcionários do Palácio do Governo, ou têm, lá, cadeira cativa para as merendas gostosa e altas deliberações”.<sup>27</sup>

Esta associação, entre comunistas e nacionalistas, vai ser feita por diversas vezes, durante os primeiros anos da década de 1960. Contudo, tomou maiores proporções, nas páginas do jornal *O Dia*, durante a vinda da filha do Marechal Lott ao Piauí. *O Dia* publicou duas matérias de capa, fazendo referência ao comício organizado para a campanha do Marechal, feito por sua filha, Edna Lott. A matéria já se inicia da seguinte forma:

Atuando em faixa nacional-marxista, chegou, enfim, até nós, depois de espera opressiva e ao longo da peregrinação, nem sempre tranqüila, pela Seca e pela Meca da política pátria, a Sr<sup>a</sup>. Edna Lott, que conseguiu realizar aquilo que se viu, há algumas noites na Praça Pedro II.<sup>28</sup>

Quando descreve a atuação de Edna Lott na campanha do seu pai, pelo Nordeste, o jornalista refere-se a uma atuação “nacional-marxista”, tentativa de relacionar a imagem do Marechal Lott, que se intitulava nacionalista, às atuações marxistas. E é justamente nesta tentativa de unir o verde – nacionalista – ao vermelho – comunista – que o jornalista vai chamar essa coloração de “melancia”:

Acentuadas colorações cercam, desde a chegada, a filha do Marechal candidato. Verdes, em certos pontos, essa coloração não tardavam em congestionar-se no rubor inconfundível que se coloriza a chamada revolução proletária, conseguindo atingir, assim, o amalgama famoso que denominara-se de coloração “melancia”, verde por fora e vermelho por dentro.<sup>29</sup>

Ainda no final do ano de 1960 e estendendo-se até o ano de 1964, o comunismo encontra outra definição, dessa vez ligada à idéia do fim da propriedade privada, principalmente a propriedade rural. Essa significação do comunismo estava diretamente ligada à propagação das Ligas Camponesas e às organizações sindicais do campo no Brasil e, em especial, no Piauí, ocorridas nos anos de 1961, 1962 e 1963.

<sup>27</sup> A BONDADE vermelha. **Jornal do Piauí**, Teresina, n. 991, p. 04, 18 jan. 1962.

<sup>28</sup> MAURICIUS, Petrus. O “vermelho” e o “Verde”. **O Dia**, Teresina, n. 791, p. 01, 21 jul. 1960.

<sup>29</sup> Ibid.

Mas, também, a proposta de Reforma de Base<sup>30</sup> lançada no governo João Goulart, que teve grande propagação entre os anos de 1963 e 1964. Assim, várias discussões foram registradas nos jornais locais, inclusive, com acusações de infiltração dos comunistas no campo, influenciando a própria denominação do trabalhador rural:

Camponês ou campônio é fórmula vernáculo, mas pouco usada na literatura nacional e na linguagem vulgar.

[...] Sertanejo é a mais comum designação do homem rústico, lavrador, habitante do sertão – o ruralista, roceiro, criador, proprietário ou vaqueiro.

[...] Mas camponês está ligado à revolução de Lenin e Trotsky, e desde então adquiriu marca de insurreição.<sup>31</sup>

Camponeses: – Até o termo não se usa aqui – é russo – soviético, é comunista.<sup>32</sup>

A grande maioria dos anticomunistas recusava-se a chamar os trabalhadores rurais de camponeses, vendo nesta palavra uma adesão aos ideais comunistas. Acreditavam que os homens do campo deveriam continuar utilizando as denominações que já lhe havia atribuído a literatura brasileira, como: roceiro, sertanejo, agricultor, entre outras. Mas essa é só uma forma de demonstrar a infiltração comunista no campo, segundo alguns anticomunistas, o maior prejuízo que era trazido por essa penetração estava na propagação de ideais comunizantes, por esse motivo, existia um grande temor de que os trabalhadores do campo se auto-denominassem camponeses, demonstrando, assim, a intensidade da propaganda comunista no ambiente rural.

Mesmo a obra marxiana apontando para uma preocupação com os trabalhadores das cidades e das indústrias, boa parte dos anticomunistas piauienses acreditavam que a revolução comunista brasileira e piauiense partiria do campo. Nesse sentido, quando era mencionado o fim da propriedade privada, no Piauí, isto era quase que exclusivamente compreendido como fim das propriedades rurais. Desta forma, qualquer proposta de pensar a situação do homem do campo, naquele momento, era

---

<sup>30</sup> “Tratava-se de um conjunto de medidas que visava alterar as estruturas econômicas, sociais e políticas do país, permitindo o desenvolvimento econômico autônomo e o estabelecimento da justiça social. Entre as principais reformas, contavam a bancária, fiscal, administrativa, urbana, agrária e universitária, além da extensão do voto aos analfabetos e oficiais não-graduados das Forças Armadas e a legalização do PCB”. FERREIRA, Jorge. A frente de mobilização popular: a esquerda brizolista e a crise política de 1964. *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*, Recife: Editora Universitária da UFPE, n. 22, 2006, p. 105.

<sup>31</sup> MENDES, Simplício de Sousa. Ligas Camponesas. *Folha da Manhã*, Teresina, n. 782, p. 04, 17 ago. 1960.

<sup>32</sup> Id. Atividades comunistas no Brasil III. *Folha da Manhã*, Teresina, n. 785, p. 04, 20 ago. 1960.

sinônimo de comunismo. Um exemplo interessante sobre essa relação, deu-se a partir da instalação da SUPRA (Superintendência da Reforma Agrária) no Piauí, os próprios jornais da época ironizavam essa relação entre a SUPRA e o comunismo com notas cômicas:

NADA COM A SUPRA

O tabelião acabava de ler a escritura e convidou os presentes a assinarem-na. Foi quando um deles desconfiado pediu:

– Quer repetir as duas palavras finais do aditivo, por favor?

E o tabelião:

– Pois, não. “Data SUPRA”.

– Faça outra que esta eu não assino. Com SUPRA pelo meio eu não assino nem pelo diabo.<sup>33</sup>

A terra deveria ser um bem comum, pregavam os comunistas, no entanto, para determinados segmentos anticomunistas, esse era o chavão comunista para implantar o seu regime nos mais variados países, como sugere o trecho a seguir: “*A terra para os camponeses*”. Este slogan ajudou todos os regimes comunistas a conquistarem o poder. Todos eles em determinado momento decretaram a reforma agrária e depois... Depois, confiscaram as terras distribuídas”.<sup>34</sup> [Destaque do autor]. Era dessa forma que a Reforma Agrária era entendida, como slogan para a consolidação de um regime comunista: “Reforma Agrária é o slogan número um dessa revolução comunista. É o primeiro degrau da escada comunizante: – ‘Terra, pão e liberdade’”.<sup>35</sup>

Logo após o golpe civil-militar de 1964, e depois de uma perseguição aos comunistas brasileiros, em nome de ideais democratizantes e cristãos, a significação do comunismo vai ser permeada por duas ações, primeiramente pelas organizações de esquerda, com a ação da luta armada e, em segundo, pela resistência e denúncias contra o regime militar organizado por parcela da Igreja Católica. Acreditamos que existiam essas duas formas, que podemos afirmar como visíveis, na qual houve uma caracterização ou significação do comunismo, no período compreendido entre 1965 e 1969. Se por um lado, o crescimento das organizações de esquerda dava um caráter de terrorismo ao comunismo, por outro lado, e de forma decisiva, após o Concílio Vaticano

<sup>33</sup> PELO CANO – nada com a SUPRA. **O Dia**, Teresina, n. 1250, p. 04, 28 maio. 1964.

<sup>34</sup> LEITE, Cristina. Uma Lição para o Brasil. **O Dia**, Teresina, n. 1.222, p. 03, 23 abr. 1964.

<sup>35</sup> MENDES, Simplício de Sousa. Socialismo e Reforma Agrária. **Folha da Manhã**, Teresina, n. 869, p. 04, 20 dez. 1960.

II,<sup>36</sup> a posição assumida por alguns membros da Igreja, deu a tônica para a relação entre a ação social de determinados grupos da Igreja Católica e o comunismo.<sup>37</sup>

Várias foram as reportagens publicadas no Piauí, no período compreendido entre meados dos anos de 1967 a 1969, que significavam o comunismo como terrorismo.

Perigosa quadrilha terrorista de orientação chinesa, composta de frios e sanguinários marginais e responsável por inúmeros assaltos a bancos, as casas de dinamites e a quartéis militares e pelo assassinato de diversas pessoas, está sendo desmantelada no centro-sul do país.

[...]

A “vanguarda Popular Revolucionária” era uma organização subversiva, constituída por marginais de toda a espécie, inclusive prostitutas, sendo todas de alta periculosidade, porque calculistas e sanguinários.<sup>38</sup>

A idéia de significar o comunismo como um regime violento, ganha mais força nesse momento. Existe uma tentativa de apontar qualquer ação não identificada pela polícia como fruto do comunismo, que passa a ser visto como “terrorismo”. Exemplo claro pode ser observado no ano de 1969, quando uma bomba foi colocada na Faculdade de Filosofia do Piauí: “‘A bomba que explodiu na Faculdade Católica de Filosofia, ontem à noite, faz parte de um plano nacional de terrorismo’ – eis a conclusão a que teriam chegado as autoridades e observadores em geral”.<sup>39</sup> As ações dos comunistas eram noticiadas com estardalhaço, sempre em letras garrafais e eram, em sua grande maioria, seguindo a seguinte tônica: “COMUNISTAS BOMBARDEIAM PRÉDIOS”.<sup>40</sup> E os jornais incentivam esse pânico, publicando formas de como os indivíduos deveriam agir em caso de contato com os supostos Comunista-terroristas.

---

<sup>36</sup> O Concílio Vaticano II foi um concílio ecumênico da Igreja Católica, conclamado pelo papa João XXIII, que teve início no dia 11 de outubro de 1962, e foi encerrado pelo papa Paulo VI em 08 de dezembro de 1965. Segundo os documentos do concílio, o seu objetivo era: “O sagrado Concílio propõe-se fomentar a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às necessidades do nosso tempo as instituições susceptíveis de mudança, promover tudo o que pode ajudar à união de todos os crentes em Cristo, e fortalecer o que pode contribuir para chamar a todos ao seio da Igreja. Julga, por isso, dever também se interessar de modo particular pela reforma e incremento da Liturgia”. SACROSANCTUM Concilium. **Documentos do Concílio Vaticano II. Disponível em:** <<[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19631204\\_sacrosanctum-concilium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html)>>. Acesso em: 17/09/2007.

<sup>37</sup> Cf. LÖWY, Michael. **Marxismo e Teologia da Libertação**. Tradução de Miriam Veras Baptista. São Paulo: Cortez, 1991.

<sup>38</sup> DESBARATADA perigosa quadrilha terrorista. **O Dia**, Teresina, n. 2.686, p. 08, 26 mar. 1969.

<sup>39</sup> EXPLODIU bomba na FAFI. **O Dia**, Teresina, n. 2.681, p. 08, 20 mar. 1969.

<sup>40</sup> COMUNISTAS bombardeiam prédios. **O Dia**, Teresina, n. 2170, p. 08, 13 jul. 1967.

### DECÁLOGO DA SEGURANÇA

1 – Os terroristas jogam com o medo e o pânico. Somente um povo prevenido e valente poderá combatê-lo. Ao ver um assalto ou alguém em atitude suspeita, “não fique indiferente, não finja que não viu, não seja conivente”. Avise logo a polícia ou quartel mais próximo. As autoridades lhe dão toda a garantia inclusive do anonimato.

2 – Antes de formar uma opinião, verifique se ela é realmente sua, ou se não passa de influência de “amigo” que o envolveu. Não estará sendo você uma “inocente útil” numa guerra que visa destruir você, sua família e tudo o que mais ama nessa vida?

[...]

4 – Se for convidado ou sondado, ou conversado sob assuntos que lhe pareçam estranhos ou suspeitos, finja que concorda e cultive relações com a pessoa que assim o sondou e avise a polícia ou o quartel mais próximo. As autoridades lhe dão toda garantia inclusive o anonimato.

[...]

6 – Não receba estranhos em sua casa – mesmo que sejam da polícia – sem antes pedir-lhes a identidade e observá-los e guardá-los na memória alguns detalhes, número da identidade, repartição que expediu, roupa, aspecto pessoal, sinais especiais e etc. – O documento também pode ser falso.

7 – Nunca pare seu carro solicitado por estranhos e nem lhes dê “carona”. Ande sempre com as portas de seu carro trancadas por dentro. Quando deixar o seu carro em algum estacionamento de posto de serviço, procure guardar alguns detalhes das pessoas que os cercaram.

8 – Há muitas linhas telefônicas cruzadas. Sempre que encontrar uma delas “mantenha-se na escuta” e informe logo a polícia ou o quartel mais próximo. As autoridades lhe dão toda garantia inclusive o anonimato.

9 – Quando um novo morador se mudar para o seu edifício ou para o seu quarteirão, avise logo à polícia ou o quartel mais próximo. As autoridades lhe dão toda garantia inclusive o anonimato.

10 – A nossa desunião será a maior força do nosso inimigo. Se soubermos nos manter “compreensivos, cordiais, informados confiantes e unidos ninguém nos vencerá”.<sup>41</sup>



O terrorismo comunista estava em todos os lugares. Das faculdades às igrejas. É, nesse sentido, que vamos fazer um ponto de ligação entre o comunismo, significado como terrorismo, e a ação de alguns padres católicos. No ano de 1969, foi noticiado com grande sensação nas páginas dos jornais locais o envolvimento de padres com grupos comunistas que promoviam ações armadas. A matéria “Metralhado e morto Carlos Marighela”,<sup>42</sup> foi capa de um dos principais jornais da cidade de Teresina.

<sup>41</sup> DECÁLOGO de Segurança. **Jornal do Piauí**, Teresina, n. 3.153, p. 02, 19 dez. 1969.

<sup>42</sup> Carlos Marighela foi importante membro do Partido Comunista no Brasil (PCB). Em novembro de 1969 foi morto em São Paulo pelos agentes do DOPS. Para saber mais sobre Carlos Marighela ver: NÓVOA, Cristiane, NÓVOA, Jorge. **Carlos Marighela: o homem por trás do mito**. São Paulo: Editora UNESP, 1999. 560 p.



**Fotografia 04.** Manchete do jornal *O Dia* sobre a morte de Carlos Marighela.  
Fonte: METRALHADO e morto Carlos Marighela. *O Dia*. Teresina, 06 nov. 1969, n.2.848, p.01.

A reportagem apontava que Marighela tinha sido morto no momento em que tentava se encontrar com sacerdotes para “elaboração de um plano subversivo”.<sup>43</sup> A crescente oposição ao regime militar no Brasil promoveu uma radicalização, entre os anos de 1967 e 1968, da postura de alguns membros de ordens religiosas, como os dominicanos, que passaram a apoiar a resistência armada, fornecendo esconderijos aos militantes e ajudando, inclusive, a sua saída do país. Essa tomada de posição frente à situação política brasileira fez com muitos religiosos fossem tachados de comunistas. Nesse momento, a Igreja Católica, para os anticomunistas, estava se cobrindo com o manto vermelho do comunismo.

A POSIÇÃO extremada que assumem alguns bispos, padres e frades diante da questão política e social do Brasil, constitui, sem dúvida, o problema mais grave de nossa atualidade e a ameaça mais séria à paz política que a Revolução de 31 de março pensou instituir.

NÃO é possível fugir às conseqüências que eventualmente poderá ter essa participação crescente de membros do clero, tanto nacionais como estrangeiros, no trabalho da sedução psicológica das massas, principalmente de jovens estudantes e operários, para a cruzada de estabelecer no Brasil um regime político, social e econômico diferente daquele que possuímos.

JÁ AGORA pela palavra de dois prestigiosos Arcebispos, os srs. Dom Hélder Câmara e Dom José Távora, sabemos que a meta é a instalação aqui de um regime semelhante ao da Iugoslávia e Checoslováquia.<sup>44</sup>  
[Destques do autor]

No Piauí, Dom Avelar Brandão Vilela, Arcebispo da arquidiocese de Teresina (1956-1971), possuía um programa de grande audiência na Rádio Pioneira do Piauí. Nesse programa, refletia sobre vários temas. Percebendo essa aproximação entre as causas do materialismo e a providência divina, passou a escrever mensagens em seu

<sup>43</sup> METRALHADO e morto Carlos Marighela. *O Dia*, Teresina, n. 2.848, p. 01, 06 nov. 1969.

<sup>44</sup> META Vermelha. *Jornal do Piauí*. Teresina, n. 1.978, p. 02, 22 dez. 1968.

programa, orientando os cristãos para uma conciliação, entre a luta de seus ideais e a prática religiosa. Dom Avelar reforçava a prática de parcela da Igreja na América



**Fotografia 05.** Dom Antônio Fragoso.

Fonte: *PRIMEIRO Bispo de Crateús. O Nordeste. Fortaleza, 19 maio. 1964, n. 9.887, p. 01.*

profética”:

Latina, no final da década de 1960, orientando os cristãos pela busca da justiça social, sem esquecer os valores divinos. Nesse sentido, “[...] tudo se harmoniza. Nem a confiança suprema e única no homem, como se Deus não existisse, nem a idéia errônea de que se deve esperar que Deus venha resolver os problemas dos homens, cada um per si”.<sup>45</sup>

Mesmo com esse discurso conciliador, Dom Avelar tinha uma preocupação com a ação de determinados setores que poderiam provocar uma fragmentação no seio da Igreja Católica no Brasil, pois, segundo o prelado, aquela época estava sendo rica no florescimento de correntes de pensamento.

Dentre essas correntes a que mais preocupou o arcebispo é o que ele denominou de “corrente

A corrente que se denomina *profética*, ou que age como se merecesse esse nome, aquela que avança, que se faz pioneira de novos critérios, métodos, e não se conforma com a situação atual da Igreja e do mundo. Diante de falhas que provocaram crises, defende soluções *mais ou menos radicais*. [...] Somos, por índole, por formação, por função, avesso a todo radicalismo. Mesmo quando, em movimentos patrocinados pela Igreja surgiram, surgem ou virão a surgir excessos propriamente ditos, não foram feitos, não se fazem, nem se farão pela expressão intrínseca de nossa vontade. Adiantamos, porém, que não consideramos excesso aquelas atitudes serenas e fortes que significam denúncias de injustiças sociais. [...] Quando, porém, essa preocupação assume o desafio puro e simples da autoridade, ou o tipo de contestação que conduz irreversivelmente ao conflito armado, ou se traduz por intolerâncias que separam profundamente os grupos humanos, com finalidades conspiratórias, tudo isso já se excede as nossas intenções e ultrapassam as normas comuns da orientação da Igreja.<sup>46</sup> [Destaques do autor]

<sup>45</sup> VILELA, Dom Avelar Brandão. **Oração por um dia feliz.** fev. de 1969. (Documento da biblioteca do padre Raimundo José Ayremorais)

<sup>46</sup> Ibid.

Dom Avelar, nesse trecho, reflete sobre algo preocupante para a Igreja Católica naquele momento: a ação armada por partes de alguns membros do clero. A significação de comunista como terrorista já era uma constante nos jornais da época. Dom Avelar cogita sobre essa possibilidade de significação de terroristas aos membros do clero, nesse sentido toma cuidado em afirmar que as ações desses membros da Igreja Católica podem ser entendidas como “mais ou menos radicais”. O maior temor é que parcela do clero promovesse o conflito, o confronto, em especial, o armado, atitudes próprias dos terrorista-comunistas. Nesse sentido, a significação de terrorista recairia também sobre parcela da Igreja Católica, como de fato acabou ocorrendo. Mesmo não concordando com algumas atitudes tomadas por setores da Igreja Católica, Dom Avelar defende a unidade cristã no seio da Igreja Católica. E é por isso que o Arcebispo de Teresina se fez contrário à ameaça de prisão do bispo de Crateús, Dom Antônio Batista Fragoso.<sup>47</sup>

Ao pesquisarmos no arquivo público do Ceará, encontramos documentos do IV Exército, 10ª Região Militar, que relatavam as atividades de Dom Antônio Fragoso, inclusive no Piauí. Em um recorte de jornal, que faz parte do dossiê elaborado pelo Exército, relatava-se até o conteúdo dos discursos do bispo de Crateús no Piauí. Diz o documento:

O BISPO VERMELHO DE CRATEÚS, rezando na cartilha comunista, e em comunhão com o diabo e com o Arcebispo de São Paulo, o Arcebispo de Olinda e Recife, o Arcebispo de Goiânia, o Bispo de Goiás, o Bispo de São Félix, e muitos outros de menos expressão na CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), que é organização de frente do Partido Comunista da União Soviética, vêm promovendo agitações, instigando pressões, ressaltando seculares antagonismo sociais, com a finalidade de subverter a ordem pública [...] em conferência pronunciada em Teresina o Bispo [...] disse que “Crateús é uma terra de analfabetos onde não se lê jornais e nem se toma conhecimento do que ocorre no resto do Brasil [...]”.<sup>48</sup>

Dom Antônio Fragoso fez várias visitas ao Piauí. E ficou conhecido aqui como um bispo esquerdista, como relata Marcos Igreja.

[...] tinha um padre também que vinha de vez em quando aqui, Dom Fragoso, um bispo, bispo de Sobral, não, Crateús, era o esquerdista do nordeste, muito boas as palestras dele, e os padres do Diocesano que cediam toda vez que precisava, por exemplo, o Dom Fragoso vinha

<sup>47</sup> Sobre a reação de Dom Avelar à prisão de Dom Fragoso ver as seguintes reportagens: DOM Avelar protesta contra ameaça ao Bispo de Crateús. **Jornal do Piauí**. n. 1946, p. 01, 23 nov. 1968. D. AVELAR preocupado com a prisão de Dom Fragoso. **O Dia**, Teresina, n. 2583, p. 01, 23 nov. 1968.

<sup>48</sup> ANEXO, de artigo no documento: **CONFIDENCIAL**, do Ministério do Exército. IV Exército. 10ª R. M. – Q.G. EMG. 2ª Seção. Fortaleza – CE 1º de fev. de 1974.

fazer uma palestra aqui, e a repressão queria proibir a palestra e os padres italianos do Diocesano enfrentaram a repressão e cederam, foi o único local em que ele fez a palestra, cederam seu espaço, isso mais ou menos em 1967, Dom Fragoso veio aí e fez uma palestra muito boa, [...].<sup>49</sup>

A figura dos padres comunistas vai constituir a significação do comunismo. A pergunta constante que se fazia era: como padre comunista, se o comunismo é ateu? Ou ainda, podemos repetir a pergunta feita durante o interrogatório do padre dominicano, Frei Betto, preso pela ditadura militar no ano de 1969 como subversivo: Como um cristão pode colaborar com um comunista?<sup>50</sup> Mesmo com essa profunda divergência, várias ações católicas foram associadas ao comunismo, e tiveram a sua significação como tal. No Piauí, os casos mais celebrados foram o do Padre Carvalho, visto por muitos como comunista, por sua atuação em favor dos operários e camponeses, e o do MEB (Movimento de Educação de Base), movimento que se propunha a ajudar na alfabetização de moradores do campo, promovido pela Igreja Católica no Piauí, teve vários de seus membros detidos, acusados de propagarem ideais comunizantes.

Permeado por rupturas e permanências, o significado que era atribuído ao comunismo, além de se sustentar em pontos fixos, para que o leitor das representações anticomunistas percebesse uma coerência das formulações discursivas, também, possuía a sua (re)significação relacionada aos contextos políticos e sociais, no Brasil e no mundo. Os pontos fixos eram referentes: ao comunismo como uma formulação marxista, ao seu caráter oportunista e estratégico, ao uso da violência como característica primordial para a implantação de ditaduras e a proposta de ruptura com os valores tradicionais das sociedades ocidentais, como a família e a religião. Os pontos que se modificaram dentre tantos que escaparam as nossas análises, apontavam para: a política nacional e as eleições presidenciais, para a questão agrária no Brasil, o terrorismo e as ações de alguns membros da Igreja Católica. O importante é perceber o combate através das palavras a esse projeto socioeconômico durante toda a década de 1960.

---

<sup>49</sup> IGREJA, Marcos de Paiva. Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento e a Marylu Alves de Oliveira em 2005. Não publicado.

<sup>50</sup> LÖWY, Michael. **Marxismo e Teologia da Libertação**. Tradução de Miriam Veras Baptista. São Paulo: Cortez, 1991, p. 62.